

Há um tempo para as palavras.  
Do inaudível ouvido  
Tamborila a vida  
Os seus altos direitos.

Talvez – venham da moessa  
Que a frente faz num ombro.  
Talvez – venham do raio  
Invisível de dia.

Pela inútil corda, o gesto  
Dos ossos – sobre o lençol.  
Tributo ao seu medo  
E ao seu corpo mortal.

É tempo do mal ardente  
E das súplicas em surdina.  
Tempo de ser irmão sem terra.  
Tempo de ser órfão do mundo.

*11 de Junho de 1922*

Terreno amor,  
Fado cruel.  
Mãos: luz e sal.  
Boca: sangue e breu.

A esquerda do peito  
É trovão na frente.  
Quem – frente na pedra –  
Assim te amou?

Deus de inspiração! Deus de fantasia!  
Assim: cotovia, assim: madressilva.  
Assim: à mancheia: toda aspergida  
Das minhas selvajarias – e das minhas  
Doçuras, meus arcos-íris em pranto,  
Meus pezinhos de lã, meus balbucios...

Doce vida minha!  
Ainda ansiosa!  
Do ombro direito  
Não esqueças a moessa.

Restolhar no escuro...  
Com as aves me ergo.  
Num esvoaçar alegre  
Tua crónica escrevo.

*12 de Junho de 1922*

Assim, no escasso labor dos dias,  
No convulso espasmo para ela,  
Esquecerás o coreu de amizade  
Da tua viril amiga.

Da sua rudeza o dom amargo,  
Por trás da leve timidez o ardor,  
E, sem fio telegráfico, o toque  
Que traz um nome – o longe.

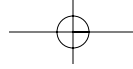
Todo o primevo, menos: *dá e meu*,  
Todo o ciúme, salvo este da terra,  
Todo o fiel – como, mesmo na luta  
Mortal, o incrédulo Tomé.

Terno amigo, em nome das cãs paternas:  
Não dês guarida a esta fugitiva!  
Viva, à esquerda do peito, o martelar  
Dos finais sem teoria, sem mais!

Mas, talvez no meio das contas e chilreios,  
Cansado do eterno feminino –  
Te lembres da minha mão sem direitos  
E do meu braço viril.

Boca que não pede contas,  
Direitos que não vão atrás,  
Olhos renegando as pálpebras  
E procurando: a luz.

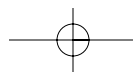
*15 de Junho de 1922*



Procura para ti amigas confiantes  
Que não prefiram o número ao milagre.  
Sei muito bem – Vénus é obra das mãos,  
Artífice que sou – conheço a minha arte.

Desde os mutismos altamente solenes  
Até ao espezinhar completo da alma:  
Todas as escadas divinas – desde:  
A minha respiração – até ao: não respires!

*18 de Junho de 1922*



Lembra-te da lei:  
Aqui não sejas dono!  
Para que depois –  
Na Urbe dos Amigos:

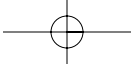
Neste vazio,  
Neste escarpado  
Céu masculino  
– Todo em dourado –

Onde os rios vão para montante,  
Na margem – margem do rio,  
Pegues com ilusória mão  
Na ilusão de outra mão...

Crepitar de ínfima faúlha,  
Explosão e eco de explosão.  
(O inverosímil das mãos escondido  
Por um aperto de mãos!)

Oh, este marulho em coro  
Das roupas, lisas como espadas –  
Num céu de deuses masculinos,  
No céu dos másculos triunfos!

Assim, entre as adolescências:  
Entre as igualdades,  
Nas frescas latitudes  
Das auroras, no esbrasear



Dos jogos – ao vento seco,  
Viva, ó apatia das almas!  
No céu rochoso de Tarpeia,  
Nas espartanas amizades!

*20 de Junho de 1922*

